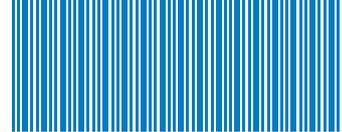


Editorial

“Ah, o boné...!” Para Paulo Carrano, estudioso do tema juventude, essa indumentária inseparável de quase todos os jovens se tornou símbolo da diferença maltratada pela escola, que em sua ânsia uniformizadora, de saudável feitio republicano, não consegue aceitar as singularidades expostas em um boné. Na entrevista desta edição de Veras o professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), e coordenador do grupo de estudos Observatório Jovem do Rio de Janeiro, fala sobre bonés e o que eles sinalizam: o desejo de uma escola que possa ser, simultaneamente, para todos e para cada um. Uma escola atenta à escuta biográfica de seus alunos, o que inclui, necessariamente, saber como é a vida deles fora da escola.

Carrano alerta também para um erro comum entre pais e professores: o de achar que, só por terem sido jovens um dia, sabem o que é ser jovem. “Só sabe o que é ser jovem hoje quem está vivendo a juventude hoje. O que dá para fazer é estudar, tentar compreender se aproximando e, assim, ter uma visão aproximada, analítica, do que é ser jovem hoje, mas a experiência corpórea da juventude é do jovem e da jovem”, afirma na entrevista que abre esta edição. Um de seus esforços de aproximação da juventude é o documentário Fora de série, produzido pelo Observatório Jovem e dirigido por ele. Com previsão de lançamento em janeiro de 2018, o filme é tributário da trilha narrativa criada pelo cineasta Eduardo Coutinho, ao dar voz e acompanhar os percalços de quem saiu da escola, ou “foi saído” por ela, e quer voltar pela porta de reentrada das classes noturnas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Carrano também analisa a reforma do Ensino Médio, as manifestações de 2013 e lança luz sobre um determinado perfil de jovem que, em sua imagem forte e realista, “a polícia mata como se ele tivesse um alvo nas suas costas”. Uma entrevista inquietante, mas mobilizadora.

O artigo que abre esta edição também aborda, como o filme Fora de série, a educação de jovens e adultos no país. No texto



Diversidade de sujeitos na EJA: implicações na elaboração de materiais didáticos e na formação de professores, Fernanda Saul, Sandra da Silva e Pedro Santos defendem a necessidade de se superar uma “visão escolarizante e supletiva, que ainda é marca dessa modalidade de ensino”, por meio do reconhecimento da especificidade e da diversidade de públicos que compõem as classes de EJA.

Tendo como pano de fundo a precariedade na formação de professores, quer seja inicial ou continuada, os autores se detêm sobre um dos aspectos em que essa visão supletiva e escolarizante mais se evidenciam: no material didático. Para isso, fazem uma análise de conteúdo da coleção de EJA mais contemplada pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) de 2011, com mais de 6 milhões de exemplares comprados e distribuídos pelo FNDE. A ausência de diálogo entre a metodologia proposta pelo livro mais usado pelas turmas de EJA no país e a diversidade de públicos que integram essa modalidade, na visão dos autores, é reveladora da escassez de material didático que atenda adequadamente as especificidades educacionais dessa modalidade, que quase sempre ocupa posição periférica nos cursos de habilitação para o magistério. O artigo conclui defendendo “uma formação de educadores que tenha como ponto de partida os contextos concretos do cotidiano escolar, focalizando, por exemplo, a questão da diversidade ou as demais situações-limite enfrentadas pelos educadores da EJA”.

“Coisas Engraçadas”: análise de interações no contexto de construção de uma narrativa em uma escola de Educação Infantil, de André Luiz Pancotto e Marisa Vasconcelos Ferreira, realiza um mergulho profundo e atento às interações das crianças na construção de uma narrativa de escrita coletiva feita a partir da leitura de um livro de imagens. As interações entre os integrantes da turma de 24 crianças de 4 anos de uma escola municipal na zona urbana da Grande São Paulo, tendo a professora como escriba, foram observadas ao longo de seis meses e posteriormente analisadas pelos autores nos aspectos relativos ao pensamento, à fala e ao letramento emergente, além de darem destaque ao rico arcabouço gestual que as crianças pequenas mobilizam em situações como esta, de escrita coletiva e interativa.

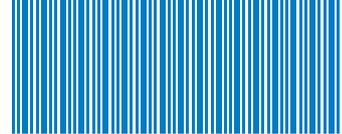
Os dois artigos que seguem, além de também se debruçarem



sobre a faixa etária abarcada pela Educação Infantil, bebem da mesma fonte para analisar a relação entre tempo e espaço: o conceito bakhtiniano de cronotopos. Em *Cronotopias do lar*, Caroline Trapp de Queiroz se coloca como observadora privilegiada de um processo de mudança de residência vivido simultaneamente por duas crianças, Elis e Antônia. A primeira garota está saindo da casa onde viveu os sete primeiros anos de sua vida; a segunda, de 10 anos, é a herdeira da casa e, mais que isso, do quarto onde passará a viver. Por meio de uma narrativa respeitosa e curiosa acerca dos sentimentos envolvidos nessa troca de lugares, e que se prolongaria ao longo do tempo já que as duas meninas se tornaram amigas e passaram a se corresponder, a autora analisa etimologicamente as diferenças entre “casa” e “lar”, à luz dos conceitos de Bakhtin que, entrelaçando as dimensões do tempo e do espaço, permitem compreender as histórias narradas a partir de um lugar de efetivo deslocamento. Deslocar-se quer dizer mudar de lugar. Nesse ponto de sua reflexão, a autora recorre à figura de Janus, o deus romano das transições, cuja imagem é composta por duas faces opostas, uma voltada para a frente e outra para trás. Como o caso estudado, que envolveu duas garotas e o quarto que era de uma passou a ser da outra.

A quarta colaboração deste número também traz, entre seus suportes teóricos, Mikhail Bakhtin, desta vez em diálogo com os conceitos de experiência, memória e infância trabalhados por Walter Benjamin. Em *Quando a criança perde o lugar: as infâncias e seus (des)lugares*, Fernanda Milanez busca compreender como as crianças restabelecem suas relações espaçotemporais nas situações de destruição ou reconstrução de seus territórios.

Moradora de Nova Friburgo, região serrana fluminense profundamente atingida por desabamentos de terra provocados por tempestades em 2011, a autora levou três moradores de casas atingidas a visitarem, tanto física quanto emocionalmente, os locais onde estavam no dia da tragédia, considerada a maior catástrofe climática já registrada no país. Vitória hoje tem 19 anos, e tinha 12 quando precisou fugir de casa para escapar da morte. Os irmãos Juliano e Ângelo também trouxeram suas memórias do evento, formadas quando tinham 8 e 4 anos, respectivamente. Usando os conceitos de lugares e “não lugares” de Augè, a autora analisa a situação de



refugiados climáticos de seus três entrevistados, que percorrem territórios familiares “conduzidos por suas memórias, ausências e esquecimentos”.

Ligando a Educação Infantil ao atualíssimo e candente tema da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Flávia Maria de Menezes, Luciana Monsores e Priscila de O. Dornelles Machado fazem coro aos vários especialistas que criticaram algumas mudanças de rumo ocorridas no texto-base da BNCC em 2017. No artigo Educação Infantil e gêneros nas narrativas da BNCC, as autoras se detêm sobre uma ausência eloquente da BNCC para Educação Infantil: a discussão sobre gênero, que desapareceu na última versão. Argumentando que “o corpo é uma construção social que se dá nas relações entre as crianças e entre estas e os adultos”, e considerando as crianças como “produtoras de história e cultura”, as autoras buscam suporte teórico na sociologia da infância para comporem uma crítica consistente à falta de menção às questões de gênero na nova versão da BNCC. Destacam como na Educação Infantil, muitas vezes, meninos e meninas participam de um processo de feminilização e masculinização dos corpos, em nome do qual são bloqueadas características como agressividade e agitação em meninas, ou expressão de sentimentos como carinho ou sensibilidade em meninos. Os que fogem à norma presumivelmente serão potenciais candidatos a sofrerem bullying ao longo de um processo que mal se iniciou. Ao propugnarem a relevância das discussões sobre gênero estarem presentes na BNCC, as autoras se colocam na contramão de um neoconservadorismo educacional que projeta uma sombra obscurantista, ao recusar qualquer menção ao gênero em um projeto de currículo nacional tantas vezes aguardado e adiado.

Por fim, gostaríamos de compartilhar com nossos(as) leitores(as) e colaboradores(as) a informação de que a revista Veras obteve a classificação B3 nas avaliações feitas pela Capes para periódicos de Educação e Psicologia. E que recentemente nos integramos à rede Edubase, base de dados de periódicos educacionais da Unicamp.

Boa leitura!

Regina Scarpa, diretora pedagógica do Instituto Vera Cruz
Ricardo Prado e Lisandra Ogg Gomes, editores da revista *Veras*

